



CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

Suplemento # 18 - junho 2017
JOSÉ MARTINS GARCIA

Todas as edições em www.lusofonias.net

Editor **AICL - Colóquios da Lusofonia**

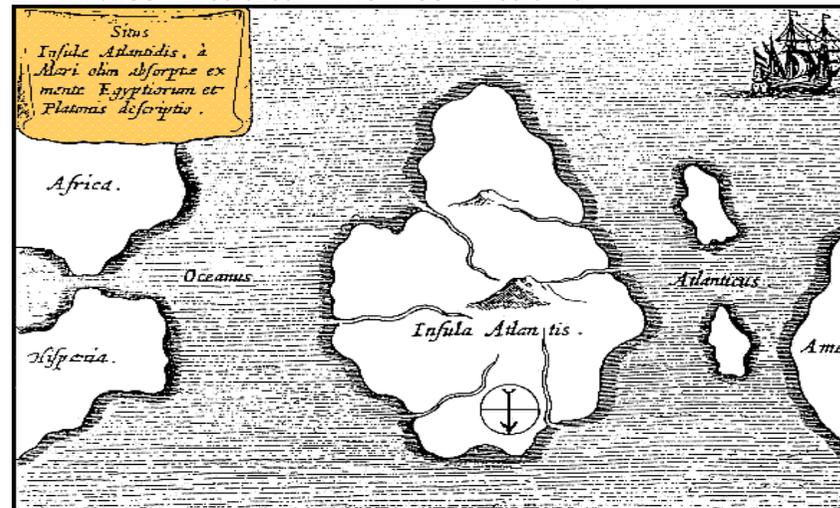
Coordenador **CHRYS CHRYSTELLO**

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia e é usado em todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



© TM ®

Editado por **COLÓQUIOS DA LUSOFONIA**
(AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA)
Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115



Nota introdutória do Editor dos Cadernos,

Os suplementos aos Cadernos Açorianos servem para transcrever textos em homenagem a autores publicados pelos Colóquios da Lusofonia, pelos seus participantes ou até Pelos próprios autores.

Hoje este Suplemento # 18 é dedicado a JOSÉ MARTINS GARCIA

1. URBANO BETTENCOURT. ESCOLA SECUNDÁRIA ANTERO DE QUENTAL (PONTA DELGADA) IN 24º COLÓQUIO DA LUSOFONIA FUNDÃO 2015

TEMA 3.1.1. JOSÉ MARTINS GARCIA – A LINGUÍSTICA VAI À GUERRA

No interior da narrativa de Martins Garcia, a instituição militar e a guerra em África constituem um domínio temático de relevo e bem identificado, ao lado de outros como o insular açoriano, sobretudo, e o lisboeta. Objeto de tratamentos narrativos diversificados, os dois tópicos coincidem, todavia, naquilo que é uma perspetiva comum de crítica dos mecanismos e procedimentos militares que se traduzem, em última instância, na anulação do homem, no seu rebaixamento a uma condição de pura irracionalidade.

Lugar de Massacre (1975) é, neste aspeto, o romance de uma experiência-limite nos pântanos guineenses, escrito num registo demencial em que o burlesco e o grotesco enquanto estratégias de deformação propiciam a visão de um universo de aviltamento e de exposição da animalidade que subsiste no fundo de cada homem.

Experiência tão mais (auto)destrutiva porquanto ela se polariza em Pierre d’Avinche, uma personagem cujo ceticismo radical o impede de tomar uma decisão, ainda que uma lucidez extrema lhe permita ver *claramente visto* o desastre coletivo que atinge todos, brancos e negros, civis e militares, milicianos ou de carreira. (a ambiguidade fonética, com a proximidade do onomástico a permitir uma leitura francesa).

Mas a verdade é que o tema atravessa toda a obra de Martins Garcia e surge mesmo já em *Katafaraum é uma nação*, um conjunto de «crónicas» e narrativas publicadas em fevereiro de 1974 e cujo pendor crítico e satírico é dominante, mesmo naqueles casos em que uma «escrita oblíqua» exige um processo de leitura em moldes idênticos.¹

Nesta obra, o último dos três «ciclos» da segunda parte intitula-se «Linguagem» e é composto por duas narrativas: «Competência» e «Performance».

Para quem fez a travessia linguística dos anos setenta e oitenta torna-se fácil identificar a sombra de Chomsky neste jogo de títulos, que recuperam dois conceitos provenientes da gramática generativa: o primeiro respeita ao «saber interiorizado que os falantes de uma língua possuem» e que lhes permite comunicar, realizando, pondo em prática, novos enunciados em novos contextos (ou seja, a *performance*).²

Já na primeira secção da obra uma crónica intitulada «Elogio da Competência» convocava explicitamente Noam Chomsky: «Vinte séculos antes de Chomsky, a elite

¹ Na nota que escreveu para a 2.ª edição do seu livro (maio de 1974), José Martins Garcia explicita a criação do termo KATAFARAUM, melhor dizendo, as condições em que o vocábulo se lhe impôs, bem como os respetivos sentidos: desde a ressonância bíblica de Cafarnaum até ao processo linguístico de amálgama de «cada (*kata*, em grego) um fareja um», uma divisa adequada aos tempos do Estado Novo.

katafaraónica, em cuja sabedoria se haviam depositado as eternas verdades, já tinha estabelecido uma distinção categórica entre «competência» e «performance» (Garcia, ²1974: 75).

A ironia começa com a marcação cronológica «antes de Chomsky», que permite a redução às iniciais a.c., que ambigualmente reenviam também a «antes de cristo», assinalando o estatuto de que o *divino Chomsky* desfrutava por esses tempos. Depois, através de uma série de jogos etimológicos e semânticos (por vezes, de pura tautologia) o autor procede a um exercício de composição crítica sobre os costumes e os modos de vida em Katafaraum, os rituais de aprendizagem e a aquisição de competência com vista ao desempenho de uma profissão, com a conseqüente ascensão numa sociedade hierarquizada, do competente-mínimo ao competente-crítico, cujo mérito «era diretamente proporcional ao número de vítimas» (p. 76).

Para lá disso, a investigação etimológica sobre «performance» leva a descobrir na palavra o efeito de uma metátese: a palavra original é «preformance», derivada de

«pre + formar + ânsia; isto é, a ânsia de (se) formar antes, melhor dizendo, a ânsia de nascer formado. Por outro lado, «preformar» mediante queda do p inicial (queda justificada pela evidente imoralidade daquele fonema!) pode muito bem significar «reformar». E aqui é que bate o ponto: a PREformance é nem mais nem menos do que o estado de quem nasce reformado.» (p. 77)

O desenvolvimento irónico levado a cabo pelo narrador revela-nos que esse privilégio de nascer reformado dependia, do «grupo sanguíneo do katafaraónico», o que é uma forma de denunciar a existência de uma casta familiar no interior da sociedade, pois, conclui, os

«preformados-reformados não estavam sujeitos a qualquer prova de competência. Nasciam cultos, eruditos, sapientes, indiscutíveis, realizados, reformados, preformados, performados.» (p. 77)

É diferente o tratamento a que são sujeitos os conceitos «competência e «performance» na última parte de *Katafaraum é uma nação*.

Transcontextualizados ironicamente, eles recobrem duas fases da experiência militar em espaços e tempos diferentes (a da formação e aquisição de competências e a da aplicação prática dos saberes, a da «performance»); essas fases ou momentos articulam-se mediante a personagem Ramalho, que «migra» de uma para a outra, soldado-cadete na primeira situação e já alferes miliciano na segunda.

Embora sem referências explícitas aos lugares da ação, algumas informações indiretas e alusões permitirão identificá-los como Mafra (no tempo da instrução) e,

² Lopes, «Competence/Performance», *E-Dicionário de Termos Literários* [online]. Consultado a 14 de fevereiro de 2015.

depois, a Guiné (em situação de combate) e essa ocultação será apenas um dos subterfúgios utilizados para não provocar a atenção (e a intervenção) desses leitores vigilantes que eram os censores institucionais. A isso poderá juntar-se igualmente, na primeira narrativa, a existência de personagens com nomes impronunciáveis e estranhos ao corpo e ao sistema da língua portuguesa, como Tww, Gwlyx, Btyx, por exemplo.³

Mais do que a simples identificação dos lugares, importa, no entanto, ver como em ambos os casos se procede a uma exploração e aprofundamento do incongruente e do absurdo da *lógica* militar, acabando esta por desembocar na anulação do que poderemos considerar a dimensão individual e pessoal das personagens.

Em «Competência», principalmente, é manifesta esta última vertente, com a representação do carácter artificial de toda a instrução prática com vista à aquisição da competência: a sua natureza de *guerra* planificada e submetida a um jogo de ordens e contraordens, um puro simulacro mecanizado⁴ cujo resultado final se traduz no burlesco que o narrador se encarrega de explicitar pontualmente: «*o bravo alferes mandou fazer alto, para improvisar a vitória*» (Garcia, ²1974: 151).

Num processo diferente, a descrição pormenorizada amplifica e denuncia esses *jogos de guerra*, perfeitamente previsíveis, aliás, e suscetíveis de serem contornados pelo calculismo e pela astúcia individual:

Circulavam terríveis boatos quanto à ferocidade do inimigo: viria pela calada, iludiria as sentinelas inexperientes, destruiria as barracas, faria prisioneiros e mortos simulados.

Diziam os soldados-cadetes melhor informados que, em tais circunstâncias, o melhor era ser-se imediatamente morto.

O inimigo deixava os mortos no solo e estes teriam apenas a maçada de reconstruírem as barracas; quanto aos prisioneiros, tinham de acompanhar o inimigo até a um problemático acampamento, às vezes situado a muitos quilómetros de distância. Depois dum dia esgotante, mais valia a morte simulada. (Garcia, ²1974: 157).

A incongruência e a dimensão burlesca da narrativa assentam, implicitamente, na distância que se sabe existir entre uma guerra simulada e uma outra verdadeira, a sério, imprevisível e impossível de conter em absoluto dentro de modelos predefinidos, e sem que se possa estabelecer entre as duas uma relação de implicação e de causalidade no plano da eficácia. A situação inesperada do soldado-cadete Ramalho,

³ Recorde-se que a primeira edição de *Katafaraum é uma nação* teve lugar em fevereiro de 1974. Esses nomes sinalizam a realidade de uma guerra efetiva, mas *não pronunciável*, impedida de ser nomeada fora dos ditames do discurso oficial. Numa entrevista ao jornal *Açores*, o próprio autor deu conta desses subterfúgios textuais em *Lugar de Massacre* (nomes estrangeirados, locais mais ou menos camuflados), por estar convencido de que não conseguiria publicar o livro em Portugal (Garcia, 1993: 9). Em todo o caso, como se vê, esses expedientes dissimulatórios vinham já de *Katafaraum é uma nação*, onde nos deparamos também com exemplos de homonímia estrangeira (Durand, Smith, Ramon) e de topónimos *camuflados*, (Takiá, Takau ou, no limite, um mero X). Na mesma entrevista, Martins Garcia manifesta a sua estranheza quanto ao facto de este livro não ter provocado a interferência da polícia política junto da editora.

«muito embevecido pela beleza do poente» em pleno *campo de batalha*, atesta a pouca consideração que lhe merecem a dor resultante da lesão física e, sobretudo, o desenrolar dos *instrutivos* acontecimentos bélicos.

Mas o burlesco assenta também, a nível explícito, nos jogos efetuados com o lexema «competência», na deriva semântica a que é submetido no fluir da narrativa e nas articulações textuais que vai estabelecendo. É no momento em que se vê «munido da competência advinda das grandes manobras» (Garcia, ²1974: 162) que o soldado-cadete Ramalho se descobre *incompetente* para regressar ao quartel, devido à fratura do pé direito. E é também um jogo com o vocábulo-título que provoca o bloqueamento da ação e a confirmação do absurdo da burocracia militar.

Ao dirigir-se ao alferes para solicitar um meio de transporte adequado à sua situação de lesionado, Ramalho recebe como resposta: «*Apresente-se ao nosso capitão e exponha-lhe o caso... Isso está acima da minha competência!*» (Garcia, ²1974: 162); apresentando-se ao capitão, este devolve-o à procedência com uma resposta de sentido contrário: «*Isso é para ser resolvido pelo seu alferes. Está abaixo da minha competência!*» (Garcia, ²1974: 162).

Perdido entre estes jogos de linguagem e as sucessivas manifestações de *não-competência*, empurrado de um para outro agente da hierarquia militar, o soldado-cadete Ramalho é um juguete de diferentes poderes, privado de palavra, que só virá a ter quando for promovido a alferes, mas num contexto de guerra efetiva em que a palavra já pouco peso tem no cômputo da vida e da experiência imediata.

Uma parte do sentido geral de «Performance» é função do contraste que permite estabelecer com a narrativa «Competência», numa dicotomia existente já no contexto metalinguístico original e transposta aqui para o domínio da teoria (militar) e da realização prática.

A existência de uma mesma personagem, Ramalho, como protagonista de ambas as narrativas permite interpretá-las sequencialmente como uma *história* única em dois tempos e dois espaços, separados por uma elipse que *justifica* esta transposição e a promoção do soldado-cadete a alferes miliciano.

«Performance» abre com a chegada de Ramalho a Takiá, «*mal feito do pifo e muito picado dos mosquitos, com os olhos inchados e os braços quase em carne viva*» (Garcia, ²1974: 165). Apesar da natureza críptica ou *camuflada* do topónimo, alguns elementos avulsos do discurso descritivo ajudam a descodificá-lo como sendo a

⁴ Esta «paródia de guerra», como é designada pelo narrador, consiste num exercício prático com a duração de uma semana e destinado a proporcionar aos instruídos o *contacto com o terreno* e a testar também o nível e a eficácia da aprendizagem. A passagem do tempo é assinalada pela transformação progressiva das personagens e do seu aprumo, observável a partir do ponto de referência do *incipit* narrativo: «Saíram, barbeados, engraxados e seriamente inócuos, para o reino da competência.» (Garcia, ²1974: 145); posteriormente, os soldados-cadetes serão descritos como «ainda barbeados, mas desengraxados e seriamente abatidos» (p. 149), mais tarde, «mal barbeados, completamente desengraxados, seriamente amarfanhados» (p. 150) e, finalmente, «barbudos, emporcalhados e seriamente abatidos» (p. 162). O grau de competência é inversamente proporcional ao grau de degradação pessoal.

Guiné-Bissau (na altura, apenas a Guiné portuguesa do discurso oficial): o esplêndido verde, a planura enorme e, sobretudo, a presença do vocábulo «bolanha».⁵

Mas esse é apenas o reverso paisagístico do reduzido espaço do quartel e nem sequer totalmente pacífico e tranquilizador, pois nele se escondem perigos vários, o que torna o incapaz de motivar o olhar contemplativo ou, pelo menos, demorado do protagonista: funciona apenas como moldura exterior aos muros do quartel, em cujo interior desfilam, afinal, as personagens e se desenrolam os pequenos episódios de um quotidiano que o alferes miliciano Ramalho vai descobrindo progressivamente, por entre a estranheza e o distanciamento ou sobranceira.

A iniciação do novato alferes no mundo *real* da guerra (isto é, não encenado, não teatralizado) propicia a revelação de um microcosmo em que o rigor e o ritual da disciplina militar alternam com o desmazelo seu contrário.

Além disso, as questiúnculas interpessoais, próprias de um espaço claustrofóbico e da situação de desconforto físico e psicológico, contribuem para o mau ambiente humano e fomentam a existência de intrigas, pequenos rancores e invejas.

Por vezes, um discurso narrativo despojado e seco acentua o desgarramento e a clausura individual das personagens no decurso de um tempo arrastado, de tédio, em que a ação se reduz a uma acumulação de gestos mecânicos e desarticulados entre si, num fluir monótono e sem sobressalto interior:

O alferes Ramalho meteu-se no seu posto. O major exortou o cozinheiro a pôr mais sal na comida. O comandante foi dormir a sesta entre os seus bidões. O médico bocejou. O capelão agarrou no breviário. A tarde acumulava nuvens. A transpiração progredia. O tornado avizinhava-se. O prisioneiro negro balouçava os pés. (Garcia ²1974: 182).

Num contexto destes, a figura do alferes Ramalho constitui um elemento dissonante, em virtude do carácter excessivo de dois comportamentos fundamentais: a displicência com que se refere aos assuntos estritamente militares e deles trata e, por outro lado, o consumo de álcool, em sessões regulares, demoradas e excessivas.

Se um e outro podem ser considerados como a recusa de acomodação e de conformação com um sistema em que a personagem foi integrada à força e em cujos valores não se revê, o segundo deles não deixa, apesar de tudo, de traduzir ambigualmente um processo de alheamento e de autodestruição, assinalado pelo narrador:

«A essa hora [o alferes Ramalho] encontrava-se geralmente bêbado, preso dum embrutecimento pouco visível exteriormente, à força de ser por dentro uma forma de resistir.» (Garcia ²1974: 184).

O embrutecimento aqui referido, sem a dimensão avassaladora que atinge em *Lugar de Massacre*, traduz a progressiva degradação da personagem, a sua *desumanização* e a aproximação a um estado de irracionalidade que tem muito a ver com a condição animal.

O desfecho de «Performance» ocorre durante um ataque ao quartel pelas forças inimigas e durante o qual o alferes Trabuco, um veterano calejado pela guerra e pelas armas, se mantém abancado junto ao churrasco e rodeado de cerveja; a figura grotesca que o alferes Ramalho avista, «uns dentes salpicados de bocados de frango» (Garcia ²1974: 187), representa esse embrutecimento da personagem numa situação em que a voracidade se sobrepõe à ameaça da morte e ao instinto de defesa.

No final, Ramalho e Trabuco envolvem-se numa briga despropositada (se a considerarmos fora de um quadro de alcoolismo) que assinala a eficácia devastadora da guerra sobre o homem, anulando-o, reduzindo-o a uma dimensão animal:

«As metralhadoras insistiam na sua interminável competência. Bêbedos, incapazes de se susterm nas pernas, o veterano e o novato chafurdavam na lama.» (Garcia ²1974: 188).

A citação irónica do vocábulo «competência», desviado do âmbito humano para o das armas, permite estabelecer um contraste com o carácter grotesco e sórdido da situação em que se encontram os dois militares, atordoados pelo álcool, rebaixados à condição de animais de pocilga.

Representando simultaneamente o fim desta narrativa e do ciclo «a Linguagem», o excerto retoma os títulos das duas histórias que integram este último, explicitamente o da primeira e de modo implícito o da segunda, «Performance», mas invertendo-lhes o sentido: num caso, a competência é transferida para o campo das armas (e, entre elas, as do inimigo); no outro, a «performance» está reduzida a uma *não-competência*, a uma luta pessoal degradante, na lama, enquanto a guerra efetiva se desenrola lateralmente, à margem.

A recontextualização irónica do léxico da teoria linguística traduz, em primeiro lugar, uma degradação do «sentido sério», científico, que possui no contexto original, ou seja, a primeira vítima da ironia de Martins Garcia é o próprio discurso metalinguístico (dupla ironia, por vir de um autor que era professor de introdução à linguística).

Em segundo lugar, a utilização desse léxico no âmbito discursivo do universo militar põe a descoberto a sua *não-significação*, o seu vazio semântico: a *competência* militar pretensamente adquirida acaba por não se traduzir na *performance* esperada.

A narrativa das experiências no pântano guineense atesta isso mesmo e os comportamentos individuais atestam exatamente o oposto dos objetivos inerentes à

⁵ Termo do léxico guineense que designa um vasto terreno pantanoso, geralmente nas margens ou proximidade dos rios, e próprio para semear arroz, embora não necessariamente utilizado para esse fim.

instrução, a preparação técnica torna-se inoperante quando confrontada com a visão concreta da guerra, do seu absurdo, da sua irracionalidade, da anulação da dignidade humana.

Tudo se resume a linguagem oca, o discurso oficial sobre «a pátria» atola-se com ela no lodo guineense.

REFERÊNCIAS

- Garcia, José Martins (1974) *Kataraum é uma nação*, Lisboa: Assírio & Alvim
- _____ (1996) *Lugar de Massacre*, Lisboa: Ed. Salamandra [1975].
- _____ (1993) «Autonomia da Literatura Açoriana só com a Independência dos Açores», in jornal *Açores*, 23 de setembro, pp. 8-11.

2. MARIA ZÉLIA BORGES UPM JUBILADA, 17º COLÓQUIO DA LUSOFONIA LAGOA 2012

TEMA 1.4 CIGARRAS AÇORIANAS TRABALHAM COMO FORMIGAS,

Tradicionalmente, com base na leitura bíblica, o trabalho tem sido visto como castigo para o homem em queda. Perdida a felicidade do Éden, desde o pecado original, toda a humanidade é obrigada a ganhar o pão com o suor do próprio rosto. E o trabalho se opõe ao descanso, ao lazer. Todavia, em nossos dias, em tempos de maior indulgência, os artistas já podem jactar-se por serem remunerados ao produzir obras que lhes dão prazer. O trabalho pode sim, mesmo que a duras penas, ser forte aliado do ócio criativo.

Nesta comunicação, parte-se da *Antologia Bilingue de Autores Açorianos*, de CHRYSTELLO e GIRÃO (2011), secundada pela *Antologia Panorâmica do Conto Açoriano*, de Melo (1978) e tendo por mote a lenda da cigarra e da formiga, tentar-se-á mostrar que, para os escritores açorianos, o canto da cigarra não é incompatível com o trabalho da formiga.

Tabuladas as informações advindas das antologias, pode-se concluir que a atividade artística, mais vista como lazer, não impede o exercício de atividades consideradas mais como trabalho propriamente dito. Numa visão bastante maniqueísta da vida e do mundo, vive-se num jogo de escolhas entre polos contraditórios e excludentes. Entre as oposições disponíveis está a que se faz entre o bem e o mal. Nesta visão o bem é o trabalho e o mal, a diversão. Sociedades religiosas e laicas insistiram em perpetuar e passar tal visão.

Hoje sabe-se que nem tudo é tão claro assim, nem tão oposto e excludente. Sabedoria popular, por exemplo, nem sempre se opõe a sabedoria fundada no conhecimento, no estudo. Do mesmo modo, bem e mal nem sempre aparecem com tanta clareza e excludência; o trabalho e o lazer podem vir conjugados. Ilustrativa da evolução deste modo de pensar é a lenda da cigarra e da formiga. Tal lenda, atribuída a Esopo com

raconto de La Fontaine, tradicionalmente opõe o trabalho da formiga ao canto da cigarra no tempo da primavera, premiando o primeiro (a formiga se refugia em casa aquecida e alimento abundante no inverno) e castigando o segundo (à cigarra imprevidente, só resta dançar ao frio).

Em nossos dias, a lenda tem aparecido em versões mais conciliadoras, com um final menos duro que o da versão primeva. Nesta, a formiga costumava condenar a cigarra ao frio e à fome, dizendo-lhe: “Cantou durante o verão?! Pois dance agora.” Já na nossa infância, líamos de Monteiro Lobato uma versão menos radical quanto a prêmio e castigo.

O autor registra duas fábulas com títulos diferentes:

1. A Formiga boa. Nesta a cigarra, com a chegada do inverno, procura a formiga e, tossindo e tremendo. E a história assim termina:

– Ah!...exclamou a formiga recordando-se. Era você então quem cantava nessa árvore enquanto nós labutávamos para encher as tulhas?

– Isso mesmo, era eu...

– Pois entre amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquele chiado nos distraía e aliviava o trabalho. Dizíamos sempre: que felicidade ter como vizinha tão gentil cantora. Entre, amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo.

A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol.

2. A formiga má. Termina diferentemente:

[...] a formiga era uma usurária sem entranhas. Além disso, invejosa. Como não soubesse cantar, tinha ódio à cigarra por vê-la querida de todos os seres.

– Que fazia você durante o bom tempo?

– Eu... eu cantava.

– Cantava? Pois dance agora, vagabunda! E fechou-lhe a porta no nariz.

Resultado: a cigarra ali morreu intanguidinha; e quando voltou a primavera o mundo apresentava um aspecto mais triste. É que faltava na música do mundo o som estridente daquela cigarra morta por causa da avareza da formiga. Mas se a usurária morresse, quem daria pela falta dela?

E o autor que fazia alegria de nossa infância ainda tem o cuidado de apor à fábula a moral da história: “Os artistas - poetas, pintores, músicos - são as cigarras da humanidade”.

Na Internet, que tudo aceita, aparece no site Qdivertido.com.br (2011), uma adaptação com um seguinte final em que a formiga rainha institui o canto como uma tarefa para a cigarra, integrando-a, assim, na comunidade do formigueiro:

Certo dia o inverno chegou, e a cigarra começou a tiritar de frio. Sentia seu corpo gelado e não tinha o que comer. Desesperada, foi bater na casa da formiga.

Abrindo a porta, a formiga viu na sua frente a cigarra quase morta de frio.

Puxou-a para dentro, agasalhou-a e deu-lhe uma sopa bem quente e deliciosa.

Naquela hora, apareceu a rainha das formigas que disse à cigarra:

- No mundo das formigas, todos trabalham e se você quiser ficar conosco, cumpra o seu dever: toque e cante para nós.

Para cigarra e para formigas, aquele foi o inverno mais feliz das suas vidas.

Aqui se conciliam os opostos ócio/ocupação, trabalho/lazer, legitimando o ócio criativo, tão simpático na atividade artística. Aliás, a atividade artística era muito mais associada à busca do lazer, ao descanso do trabalho, oportuna apenas para as horas de folga. E não somente ao lazer, mais respeitado na sociedade maniqueísta, que ligava lazer a descanso e prazer atividades condenáveis. No Brasil, tal fato se evidenciava sobremaneira, pois artistas só obtinham Carteira de Identidade em Delegacia de registro de atividade de prostituição. As palavras tradicionalmente usadas para a atividade produtiva têm uma história interessante, que parece oportuno considerar. No grego, trabalhar se expressava através de dois verbos diferentes:

1) γργάζομαι: definido como trabalhar, no sentido de produzir algo; tendo o substantivo correspondente εργον;

2) o segundo verbo, διαπονεω, tem o significado de trabalhar com esforço. Esta mesma palavra é definida como castigar, por Pereira (1961), que lhe apõe a observação “falando de estilo”,

No latim aparece com uma só palavra para trabalhar: *tripaliare que, na explicação etimológica de Houaiss é verbo românico, advindo do latim *tripalium*, 'instrumento de tortura', derivado do adjetivo *tripális*, aparelho 'sustentado por três estacas ou mourões'.

Com isto, para nós, falantes de língua latina, trabalho traz consigo, sempre, a ideia de esforço e de castigo. Aliás, o castigo imposto a Adão, em sua queda do paraíso, fala em “ganhar o pão com o suor de seu rosto. Assim, trabalho opõe-se a lazer que, na definição do mesmo dicionarista, se define como:

“1 tempo que sobra do horário de trabalho e/ou do cumprimento de obrigações, aproveitável para o exercício de atividades prazerosas;

2 Derivação: por metonímia. atividade que se pratica nesse tempo;

3 Derivação: por extensão de sentido. cessação de uma atividade; descanso, repouso”.

Ócio também se opõe a trabalho, com as seguintes explicações:

1 **cessação** do trabalho; folga, repouso, quietação, vagar

2 espaço de tempo em que se descansa

3 **falta** de ocupação; inação, ociosidade

4 falta de disposição física; preguiça, moleza, mandriice, ociosidade

5 Derivação: sentido figurado trabalho leve, agradável. Observe-se que a definição derivada de lazer bate com a derivada de ócio.

Temos até um sintagma para falar de atividade artística sem confundir-la simplesmente com ócio: a expressão “ócio criativo”. Este pode resultar, de fato, de tarefa muito trabalhosa, às vezes até penosa. Olavo Bilac tem um soneto – “A um poeta”, onde fala do esforço que se faz para alcançar um poema:

Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha e teima, e lima, e sofre, e sua!

Mas que na forma se disfarce o emprego
Do esforço: e trama viva se construa
De tal modo, que a imagem fique nua
Rica mas sóbria, como um templo grego

Não se mostre na fábrica o suplício
Do mestre. E natural, o efeito agrade
Sem lembrar os andaimes do edifício:

Por que a Beleza, gêmea da Verdade
Arte pura, inimiga do artifício,
É a força e a graça na simplicidade.

Correndo os olhos no poema, ressaltam-se os verbos usados no último verso da primeira estrofe. São todos muito mais ligados ao trabalho visto como esforço – “Trabalha e teima, e lima, e sofre, e sua!” – nas explicações a eles dadas por Houaiss (...). De fato, para obter o verso o poeta deve trabalhar com paciência e sossego; isolado em sua cela, pois deve:

- *trabalhar*, bem no sentido de sofrer tortura, do verbo latino; *teimar*, isto é, insistir, com grande obstinação, por repetidas vezes;
- *limar*, isto é, “corroer material duro com lâmina dentada”;
- *sofrer*, isto é “experimentar com resignação e paciência; suportar, tolerar, aguentar”;
- *suar*, isto é, “empregar grandes esforços na consecução de (algum objetivo); afadigar-se”.

Mas o poeta parnasiano não se esquece de conciliar opostos, isto é *paciência*, vista como “capacidade de persistir numa atividade difícil, suportando incômodos e dificuldades; aliada a sossego, visto como “quietude física; descanso, repouso, ausência de problemas, de preocupações, de trabalho excessivo; descanso, calma, tranquilidade”.

Bilac encerra o poema também com um paradoxo ao definir Beleza como “a força e a graça na simplicidade”.

De fato, força pode se opor a graça:

1. *força*, isto é, “robustez, vigor físico, energia vital;
2. *graça*, isto é “elegância e leveza de formas, do porte e/ou dos movimentos; graciosidade.

Ora, a simplicidade, em sua aquisição, pode resultar de ingente esforço.

Com efeito, nosso autor parnasiano, pontificou e “cigarreu” no Brasil há bastante tempo. Assim, para aqueles que gostam apenas de bibliografia recente e que veem a suprema arte na tecnologia avançada, pode-se brindar com afirmação mais recente e concisa, tornada preceito para Steve Jobs: “A simplicidade é a máxima sofisticação” (Isaacson, 2011: p. 99).

O que é recente, na verdade é a forma e a síntese, porque a máxima adviria de Leonardo da Vinci, segundo o mesmo autor. Convém agora atentar às cigarras laboriosas, formigas cantantes, aos nossos autores açorianos, cujo trabalho apraz considerar, neste momento em que a primavera começa a se anunciar no hemisfério norte.

Colhi⁶ os autores, inicialmente, em Chrystello e Girão (1911) – *Antologia Bilingue de Autores Açorianos*. Contudo, não podia deixar de fora dois autores não focados na obra, mas que me ocuparam bastante desde que frequento estas ilhas queridas. Um deles, Dias de Melo, foi objeto de minha consideração no Colóquio de 2009, aqui mesmo em Lagoa.

Do outro, Cristóvão de Aguiar, venho cuidando na tentativa de torná-lo conhecido no Brasil, tarefa de que fui incumbida pelo mesmo Colóquio e que, recentemente, no Colóquio realizado em Santa Maria, 2011, passou para a colega Dina Ferreira a quem devo ajudar. Tabulei⁷, inicialmente, dados da Antologia.

Todavia, mesmo em tabela bastante resumida e localizada, precisei lançar mão de pelo menos mais uma antologia, a *Antologia panorâmica do conto açoriano*, de João de Melo (1978), que percorre um tempo mais dilatado (séculos XIX e XX). Além disso, incluí alguns dados considerados oportunos, obtidos diretamente em obra de autor devidamente citado.

São autores ilhéus, embora esteja entre eles um autor angolano, Eduardo Bettencourt Pinto, que viveu em Ponta Delgada e, desde 1983, reside no Canadá. Publica em jornal e revista açorianos e possui poemas em antologias nos Estados Unidos, Brasil, Portugal, Inglaterra e Letônia.

Açorianos todos os demais da *Antologia Bilingue de Autores Contemporâneos* e os dois da *Antologia Panorâmica do Conto Açoriano*: Álamo de Oliveira, Caetano Valadão Serpa, Daniel de Sá, Eduíno de Jesus, Emanuel de Sousa, Emanuel Félix, Fernando Aires,

José Martins Garcia, Marcolino Candeias, Maria de Fátima Borges, Onésimo Teotónio de Almeida, Urbano Bettencourt, Vasco Pereira da Costa, Victor Rui Soares. Os dois constantes da outra antologia já foram acima apontados.

Nas três primeiras colunas da tabela, cada autor tem sua vida datada e localizada. Temos autores de cinco ilhas: Ilha das Flores e Graciosa: com um autor para cada uma; Ilha do Pico, quatro autores; São Miguel, seis autores; Terceira, quatro autores. Todos os autores analisados nasceram no século XX. O de data mais antiga nasceu em 1925, seguido por um de 1928 e um outro de 1936. Todos os demais, exceto cinco para os quais não aparece tal data, nasceram a partir de 1940, o que justifica sua classificação como contemporâneos, pois a primeira morte registrada só ocorreu em 2002.

Assim, produziram até o século XXI. Na quarta coluna, aparece atividade essencialmente de formiga: constam nela os estudos de cada autor, no tempo de fazer provisões para o futuro, na primavera da vida. Apenas um autor não tem declinados seus estudos.

A produção dos autores como cigarras aparece em quatro colunas da tabela: Outros Trabalhos, Publicações, Antologias e Obras traduzidas.

Na primeira coluna estão referidas as diversas atividades exercidas: funcionalismo público, participação em departamentos de Estado ligados à Cultura, palestras e conferências em terras portuguesas continentais e insulares, na África do Sul, Bélgica, no Brasil, no Canadá, China (Macau), Estados Unidos, Espanha, França, na Guiné-Bissau, Holanda, Inglaterra, Itália, Letônia, Senegal, Venezuela.

Conclui-se que o canto das cigarras açorianas esteve em quatro continentes. Entre atividades diversas aparecem duas mais ou menos estranhas ao canto: serviço militar (referido para dois autores) e serviço em banco. A partir do serviço militar veio o canto através de autobiografia, biografia, memória, diário ou nem tanto (nas palavras de um autor).

A autora que exerceu atividade bancária, além de publicações exerceu atividade de professora universitária e publicou também suas obras literárias.

Na coluna publicações, vemos que o canto se espalhou por artes, mídias e gêneros literários diversos: artigos em jornais e revistas literárias e de artes, coleções turísticas, conto, crítica e teoria literária, crônica, dicionário temático da baleação, ensaio, internet, novela, poesia, rádio, romance, teatro, televisão.

No rol de publicações tabuladas, aparece até uma obra vertida para o Braille, na Biblioteca do Congresso nos Estados Unidos. Na coluna Antologias não citei aquela que serviu de ponto de partida para minhas considerações, graças à obviedade de tal citação.

Tive o cuidado, porém, de apor a Antologia de Melo aos nomes dos dois autores, cujos dados aqui incluídos dela vieram. Registre também outras antologias para alguns autores onde foram referidas.

Deixei para o fim a atividade que me parece o protótipo da cigarra-formiga (ou da formiga-cigarra). Falo aqui do magistério, uma vez que o professor trabalha como um mouro, cantando, propagando, explicando, antes mesmo que seu próprio canto, o canto de outras cigarras, na sua e em outras línguas. Apenas um autor aparece sem nenhum registro nesta coluna. Mas sendo consultor de informática, subsidia todo e qualquer professor com um instrumento de trabalho que, em nossos dias, quase ninguém dispensa.

Daqui para a frente passarei a redigir na primeira pessoa, pois atingido o estágio de vida em que me encontro, posso fazer minha a máxima de Pedro Nava – “A experiência é como farol traseiro do carro; só ilumina para trás” – e assumir, como direito adquirido, o uso do eu e do nós.

TABELAS:

JOSÉ MARTINS GARCIA TAMBÉM NA ANTOLOGIA DE JOÃO DE MELO

NASCIMENTO	Local	Criação Velha
	Ilha	Pico
	Datas	→ 17/02/41 † 04/11/02
ESTUDOS	Estudos de Liceu iniciados em Horta e terminados em Lisboa. Licenciou-se em Letras – Filologia Românica – em Lisboa.	
MAGISTÉRIO	Professor eventual no Liceu Nacional da Horta; Leitor de Português na UNIV. Católica de Paris. Lecionou na Faculdade Letras de Lisboa. Nos E.U.A., foi professor convidado da Brown University (Providence). Após doutorar-se na Universidade dos Açores foi aí professor e vice-reitor. Também Introduziu a disciplina Literatura e Cultura Açoriana,	
OUTROS TRABALHOS	Dirigiu a revista Arquipélago, na Universidade dos Açores.	
PUBLICAÇÕES	Ensaio, Conto, Poesia.	
ANTOLOGIAS		
OBRAS TRADUZIDAS		

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Cristóvão (1994) Passageiro em Trânsito. Lisboa: Salamandra.
(2000) – Relação de Bordo II. Porto: Campo das Letras.
- CHRISTELLO, Helena e GIRÃO, Rosário (2011) – Antologia Bilingue de Autores Açorianos – trad. Chrys Chrystello, Vila Nova de Gaia: Calendário de Letras.
- ISAACSON Walter (2011) – Steve Jobs: a biografia. São Paulo: Companhia das Letras.
- MELO, João de (1978) - Antologia Panorâmica do Conto Açoriano. Lisboa: Veja.
- LOBATO, Monteiro (1976) – Fábulas. São Paulo: Brasiliense.
- Presidência do Governo Regional dos Açores Gabinete de Apoio à Comunicação Social – Apresentação de Catarse de Cristóvão de Aguiar e Francisco
- † Apresentação de Catarse de Cristóvão de Aguiar e Francisco de Aguiar – Disponível 11/09/2012
- PEREIRA, Isidro S.J. (1961) (Dicionário Grego-Português e Português-Grego. 3 ed. Porto: Apostolado da Imprensa
- Qdivertido.com.br (2003-2011). Contos infantis, historinhas e fábulas Disponível em janeiro de 2012.

3. VILCA MARLENE MERÍZIO, PROFESSORA APOSENTADA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, ACADEMIA DE LETRAS DE BIGUAÇU, VILCA_MERIZIO@HOTMAIL.COM

“EU TAMBÉM ESCREVI CARTAS DE AMOR”, MARTINS GARCIA, 9º COLÓQUIO DA LUSOFONIA LAGOA 2008

Fernanda Leitão, no artigo “O meu Amigo da Criação Velha” (*Açoriano Oriental*, 2002), poucos dias após o falecimento de José Martins Garcia, ao exaltar-lhe a coragem de outrora, refere-se ao depauperamento físico em que encontrou o escritor açoriano, dezoito meses antes do seu falecimento: a

“palidez, os olhos inundados de amargura, a linha dos ombros a gritar desamparo. Como se tivessem passado sobre ele 30 anos de trabalhos forçados”.

E indaga:

“Que tratos de polé teria sofrido o artista, homem de superior inteligência e retidão de caráter, sabe Deus a que mediocridade teve de obedecer em silêncio”.

E o silêncio, sabemos nós, rondou a sua alma. Diante de mim, junto com quase tudo que JMG publicou, ressaltam poemas inéditos e 65 cartas por ele a mim confiadas. Numa delas, registra:

“ [...] (que horror, o que se passa aqui, neste 10 de outubro de 1998! A humidade é tanta que as mãos sujam o papel e a esferográfica não quer deslizar. Dizem que caminhamos para o FIM EM ESTUFA... Gostaria de ver-te antes do FIM...) Gostaria

de restituir-te a imagem de há dez anos (vou tentar usar um lápis): a imagem da menina de caracóis louros

[...]

Sempre disse que não gostava desse penteado. Inconscientemente andei a mentir-te. É dessa imagem que guardo, sem o ter sabido, uma SAUDADE, saudade, saudade. Saudade, que me leva a não saber mais nada de palavras". Última página: "vontade de não CRER em mais nada! Quase uma vontade de autodestruição! Tanta Amargura, tanta! Agora não posso escrever mais. Há uma revolta contra não sei quê, contra mim certamente".

No final, um X, trêmulo, como se realmente ali alguém que não o professor-poeta devesse assinar. Quem assinaria? O homem? O amante? O poeta-fingidor? Não! Não tenho resposta. Mas, baseada na sua obra, tentarei uma explicação.

*Nasce um poema
E ao contrário dos regulamentos
Sei porquê
O porquê dum nascimento
Misterioso quanto um sedimento
De longo amor e desejo
JMG, julho de 1992*

Era outubro de 1987. Nove de outubro. Num restaurante, em Ponta Delgada, minha família e eu fomos apresentadas pelo Reitor da Universidade dos Açores, Prof. Doutor Machado Pires, ao Prof. Doutor José Martins Garcia (JMG)⁸, que, durante cinco anos, na mesma universidade, iria me conduzir aos caminhos da percepção literária, instigando-me, com coragem e perseverança, a transcender os mistérios que permeiam mar, céu, terra e gente das ilhas açorianas.

A chave capaz de abrir as portas imateriais das ilhas, descobri mais tarde, não estava com ele, não estava comigo, mas pairava dentro de nós, e sobre nós, na palavra dita, no olhar hospitaleiro, nos gestos de amizade de toda a comunidade que me recebia.

A constatação, depois a compreensão, de que, entre brasileiros e açorianos existiam maneira diferente de pensar, a aceitação de um silêncio que, às vezes, dizia mais que um discurso, e a imersão na arte de viver dos quantos, amando ou odiando estes cumes emersos do Atlântico, aqui viviam e repartiam comigo fraternalmente a mesa e, carinhosamente, os laços de família, deram-me a conhecer, principalmente, a poesia destas ilhas.

Mas foi com JMG que aprendi a ver os Açores com o distanciamento necessário para que nele coubesse Portugal com sua história e conquistas, mas também com seus desvios e desvarios, levando-me a amar a Literatura Portuguesa, incondicionalmente, a partir de leituras a que só ele era capaz de me fazer ascender.

⁸Também escritor, poeta, contista, romancista, ensaísta e crítico literário. Sobre JMG, David Mourão-Ferreira escreveu: o "escritor mais completo e mais complexo que no último decênio entre nós se revelou" (Jornal SIGNO, 1987).

Antes de vir para os Açores procurei no *Pequeno Roteiro da História da Literatura Portuguesa* (1984) informações sobre o professor-orientador com quem iria trabalhar nos dois anos de pesquisa, pensava eu, que teria pela frente.

Lá estava, à página 282: JMG, "*ficcionista de largos recursos, polemista de temível mordacidade e ensaísta de sólida preparação humanística*", para além de autor de "exegeses inovadoras". A par disso, ainda no Brasil, o Prof. Machado Pires já havia advertido: "*JMG é o melhor professor que temos no âmbito das Letras, mas o mais complexo, o mais difícil de se lidar...*"

No entanto, JMG professor apresentou-se com tanta solicitude e amabilidade, que o receio que eu sentira antes de conhecê-lo pessoalmente desapareceu diante do homem extremamente gentil que se colocava à disposição para auxiliar-me naquela longa trajetória de meia década de permanente orientação nos estudos da cultura açoriana e da literatura portuguesa.

Muitos dos que me davam as boas vindas referiam-se ao Prof. Martins Garcia como um profissional altamente qualificado, mas de uma sensibilidade que o levava a perder frequentemente a paciência em razão da sua forte tendência à irritabilidade. Contavam-me sobre a contundência de suas críticas, a veia satírica de suas personagens de ficção, a linguagem quase sempre direta e acutilante dos seus narradores e sobre a ironia que constantemente o acompanhava nas suas falas.

Na ocasião, senti o quanto os seus colegas, apesar da descrição um tanto severa, admiravam-no, respeitando a sua maneira de ser, e quanto alguns dos seus alunos, talvez por não o conhecerem suficientemente, temiam-no. Contudo, no meio acadêmico, era comum a todos que com ele conviviam, o reconhecimento de sua gentileza e de sua cordialidade no trato.

"Conversava amavelmente, fossem os interlocutores simpáticos e tivessem com ele afinidades. Mas era raro vê-lo engajado numa troca", escreve Onésimo de Almeida (2001 / 04: 33).

Diz ainda: JMG

"Quedava-se frequentemente pelo assentimento reverencial nas aparências, na maior parte das vezes em polidez retraída".

A respeito da permanência do poeta nos Estados Unidos, Almeida relata:

"Precedido pela fama de senhor de uma têmpera de ebulição frequente, forte e em pouca água, nunca ninguém viu Martins Garcia levantar a voz, zangar-se, polemizar, maltratar quem quer que fosse. De uma lisura impecável, chegava a parecer subserviente no seu saudar de cabeça inclinada e pasta na mão. As secretárias conheciam-no por 'São Tomás de Aquino'".

E assim, JMG, um “intelectual em estado puro”, como o definiu Machado Pires⁹, era um complexo misto de serenidade e de vulcão à flor da pele¹⁰, escondido por trás da amabilidade de um comportamento social impecável e de um caráter profissional que provocava inveja. O seu mundo particular “era mesmo de um outro reino” (Almeida, 2001 / 04:115), não importando se vivesse nos Açores - Pico, Faial e São Miguel, se em Lisboa, França ou Estados Unidos, lugares que, de algum modo, fizeram parte do seu universo literário.

JMG mesmo justifica-se: “a *ficção, sendo distinta da realidade, tem profunda relação com a realidade*”, talvez, passasse a impressão de uma procura constante de uma outra vida, de um outro lugar.

A esse respeito, Vamberto Freitas (1992:34) confirma:

“quanto mais andou, mais sobre si se fechou”, embora essa solidão voluntária tenha sido a origem de “*uma das mais enclausuradas mas originais, vibrantes e desmistificadoras obras literárias portuguesas da atualidade* [...]”.
“É no ato de escrever que Martins Garcia volta à sua comunidade” (Freitas, 1992: 37).

De volta aos Açores, em 1984, seu último refúgio, JMG não reconheceu nas ilhas o seu mundo original. Então foi cada vez mais se “fechando no seu imenso mundo interior”, aceitando a situação de exilado: exílio criado por ele mesmo, como costumava dizer. E se em *Contrabando Original* dá voz a um personagem que diz: “*Sim, nasci numa ilha e perdi-me no mundo*”, é numa entrevista concedida a Vamberto de Freitas que confirma: “*Sou um exilado, é certo. Mas um exilado por temperamento*”.

Logo depois, confessa:

“[...] eu próprio criei o meu exílio. O mundo circundante não bastava... Permanecer nele seria resignar-me à monotonia. Sair dele seria (como foi) uma aventura marcada por muito sofrimento. [...] de certo modo, quis fazer coincidir a vida com a imaginação. Claro que isso é impossível. O resultado, quer me acredite quer não, foi o divórcio entre a minha vida quotidiana e os mundos que inventei. Rigorosamente falando, não há nada de autobiográfico nos meus romances, nos meus contos [...] Só na poesia ‘lítica’ o ‘eu’ que sinto se exprime sem a invenção de um médium (Freitas, 1992:119).

⁹ “Intelectual: talvez também aquilo a que o seu mestre Nemésio chamava ‘o intelectual em estado puro’ – o que se refugia no luminoso percurso espiritual das ideias e das palavras, com alheamento total dos prazeres ‘terrenos’ das máquinas e das tecnologias, que não sabe mexer em aparelhos, não tem carta de condução, não se importa com inventos e últimos modelos do que quer que seja” (Pires, Machado, 2001/04:177).

E esse exílio procurado pelo homem foi traduzido pela dor da ausência, no signo da saudade que o poeta dizia sentir. Por isso, diz a Freitas (1992:127) “*estou aqui, mas não me encontro aqui*”. (E teria vivido no Brasil, não tivesse ido tão cedo, embora para os amigos mais próximos, depois da sua aposentadoria (2001) afirmasse não mais poder viajar.)

Talvez, o que o fizesse afastar-se das suas ilhas fosse a têmpera inflamada que, à falta de compreensão dos conterrâneos, fazia-o crer que o problema da não-aceitação dos seus livros, da indiferença, ou mesmo do esquecimento sobre o que havia escrito – poucas foram as críticas publicadas e menos ainda as frontalmente orais - devia ser relegado à estética da recepção.

Na ilha, esse mundo limitado, mas infinito, como define Fernando Aires, também outros amigos foram percebendo que JMG abrigava-se, sozinho, no seu imenso mundo interior. Onésimo (2001 / 04:43) observa que nesse mundo de (aparente) paz e sossego parecia ser feliz e, “*quando desse mundo interior emergia, tinha uma enorme facilidade em entrar em colisão com o dos outros*”.

Envolvia-se, por vezes, com o público (chegou mesmo a ser Vice-Reitor da UA, mas isso lhe exigiu tremendo esforço), lecionando ou proferindo palestras com erudição e prazer. A acutilância da sua inteligência extravasava em brilho nos momentos serenos, ou explodiam em sarcasmo cruel quando algo o acicatava. De todas as maneiras, “*Os alunos bebiam-lhe o verbo e os ensinamentos*”, disse dele Onésimo (2001 / 04:44), e confirmo eu.

Bem, naquele nosso primeiro encontro, nem mesmo havíamos acabado o almoço (ele sentou-se à minha frente) e questionou-me a respeito do tema da tese que eu pretendia escrever. Falei do meu interesse em estudar uma autora açoriana (Natália Correia, evidentemente). Ele sorriu, sem aprovar ou contradizer a minha ideia. Do que ele me disse, ficou na minha memória mais ou menos isso:

Escrever sobre a Literatura Açoriana é árduo demais para quem não viveu em Portugal. O ser açoriano, na sua complexidade existencial, exige que o pesquisador observe mais do que hortênsias, bandeiras do Espírito Santo e marchinhas de São João. Um bom trabalho de pesquisa exige tempo e dedicação exclusiva.

Se você veio para voltar antes de cinco anos (eu pensava ficar dois), nem procure saber onde fica o interruptor de luz da sua casa. Volte. Quem está aqui só de passagem não conhece as ilhas nem os açorianos e muito menos conhecerá a sua literatura.

¹⁰ Ler a obra de JMG, segundo Vamberto Freitas (1992:33) “é ler com sorrisos na cara ou então a rir a sério. São páginas que contêm, sempre, uma espécie de escuridão cômica, de onde o medo nunca se retira por completo, e na qual nada e ninguém é sagrado, tudo e todos são alvos a atingir, inclusive o próprio narrador. Está-se aqui no inferno, mas sem nunca se perder o humor – é a vingança (aterrorizadora) do homem pensante e artista moderno.

Adiei o estudo sobre a Natália e fiquei. Fiquei, não só cinco anos, mas muito mais e cá ainda estou...porque, como diz Daniel de Sá, é saindo das ilhas que nelas se permanece.

A primeira lição recebida de JMG surtiu efeito: para falar da exuberância de hortênsias, que embelezam os Açores, há de se, antes, amar o solo em que elas vicejam e reverenciar as mãos que as transplantaram; para saber da sua essência, é preciso igualar-se à seiva que as fazem florescer pelos caminhos tortuosos, como se cascatas de luz abençoassem as escarpas negras destas ilhas. É preciso amar, mesmo com toda a dureza e negritude, “estes ricos penhascos”, como dizia a Sra. Dona Lili Pavão.

Então, aprendi que os Açores não eram somente a beleza das curvas ao longo da costa onde o mar disputa atenção com a estrada ladeada de plátanos a ensombrar camélias, beladonas e azáleas. Os Açores não significam apenas a presença das criptomérias, alinhadas pelos campos e montes, onde vaquinhas pretas com manchas brancas, também alinhadas, ficam pastando, sempre igual, a ruminar despedidas...

Ficar na ilha, não era somente ser o viajante maravilhado diante dos pores de sol cheios de magenta, dourado e cíclame... Não, os Açores não eram, e não são, só vento, só mar (e aqui lembro Antero)... Umidade excessiva, austeridade. Aqui existe angústia... Solidão! Se é de despedidas que a sua gente se constrói, mantêm-se, os que aqui ficam, de reencontros, de alegrias, de felicidade por se estar junto, de conversas longas nas mesas de uma esplanada ou de um café, das histórias mil vezes recontadas... Sem pressa, com ternura, olhos nos olhos... Coração aberto, mão estendida...

E para quem chega, herança dos que daqui partiram, os Açores também não são o “cativo geográfico” que tanto se promulga. São antes, o ponto de repouso, o abastecimento da alma que anseia por silêncio e cultura. A certeza de que a *Terra de Lídia* se estende por todo o arquipélago faz o estrangeiro ir ficando, ou quando obrigado a regressar, retornar às ilhas porque os laços se estreitaram e o coração já não mais abandona o seu novo paraíso.

A alegria que hoje o estrangeiro percebe nos açorianos, essa agitação interna que os leva, entre eles, a conversar alto, a dizerem da sua vida, o seu tom irônico, as observações aguçadas, a franqueza, mas também a solicitude, a amizade franca e hospitaleira, apontam, hoje, uns Açores mais abertos ao progresso e de mãos dadas com a evolução que determina a sua identidade.

JMG tinha razão. De nada adianta o pesquisador preocupar-se apenas com as variantes linguísticas de cada ilha nem com o que lhe é familiar na cultura. Isso não garante a açorianidade. Para se ter uma literatura que fuja do regional é preciso mais. É preciso universalidade sem deixar de ser original.

Os aspetos geofísicos e históricos contam, mas crescem-se a eles a psicologia individual e coletiva das pessoas que habitam a região, a filosofia de vida, a moralidade e

os costumes, a sua abundância e a sua miséria, é aí, então, que se solidifica a identidade integral do território que se abre à globalidade das pesquisas. E a sua literatura assim pode ser lida e apreciada por todo o mundo porque contém, para além da sua especificidade, os mesmos códigos da universalidade humana.

E foi refletindo sobre tudo isso que consegui compreender o que José Martins Garcia pretendia que eu alcançasse a fim de que pudesse me sentir preparada a melhor estudar a Literatura. Senti, então, ser necessário à pessoa interessada no tratado da alma portuguesa, presente na consciência das ilhas, um tornar-se resistente e leve como a lava e, ao mesmo tempo, sensível e doce como a aragem que passeia, no verão, entre as faias e o louro. Mas também suportar a umidade e os vendavais. E as distâncias. E as saudades.

Se as ondas do mar beijam as rochas e se perpetuam na espuma, é no movimento das marés que o planeta se compõe e recompõe. Apreciar a Literatura Açoriana, que não deixa de ser portuguesa, por sua universalidade, é saber ir e voltar. É saber que ainda há homens no mar...e sereias em volta das ilhas. É aspirar no ar da madrugada a alegria de quem volta e sabe que há alguém à espera. É apreciar o verde e o azul, mas também o negro. É rir e chorar. É ter na polarização natural da vida o contraponto do sonho. É resistir... Mantendo, não na vida, mas apenas na memória, a dor do isolamento e a nódoa da partida. E, então, pela literatura, voltar a esse tempo mágico onde tudo é permitido, porque expressão de alma sofrida, vivida.

E essa luz dos Açores, tão inconstante e variada, a mesma luz que cativa o estrangeiro é mesma que, às vezes, perturba o ilhéu. Essa luz das ilhas, esse tempo baço incomodava JMG. Ouçamo-lo:

A luz dos Açores, mesmo em dias de sol, é uma coisa aquosa, um derrame que pesa nas pálpebras. Melhor do que eu o escreveu Raul Brandão, encantado, sim, mas farto dessa atmosfera de limbo. Essa atmosfera pesa na escrita. O clima não explica nada, claro! Mas quem nos garante que não tem a sua quota-parte de responsabilidade na atmosfera social dos Açores? E, por conseguinte, na escrita cercada por essa sociedade? (Garcia, 1999:68)

Para pouco mais adiante explicar: “Não é o efeito direto do clima; é a translucidez das muitas teias que se acumulam em torno da privacidade”¹¹ que me fazem querer respirar o ar de fora. Referia-se ele ao convívio das ilhas, ao conhecimento natural, quase obrigatório: ler um escritor conterrâneo e contemporâneo era quase ver devolvidos nas páginas escritas os reflexos da vida comunitária¹².

Questiona Onésimo Almeida (2001 / 04, p. 42): “*Mas ou a literatura é só fingimento ou há uma ligação profunda* (obviamente nem sempre coincidente) *entre as vozes dos narradores da ficção de MG, do poeta e de JMG himself.*” Tzvetan Todorov mesmo dizia que “*uma leitura ingênua dos livros de ficção confunde personagens e pessoas vivas*” (Mourão-Ferreira, 1976: 89).

¹² “As marcas da vida do sujeito empírico, dissimuladas pelo artifício de que dispõe a literatura, procuram evidenciar-se, sem que, no entanto, cheguem a impor a sua soberania. Contudo, elas lá estão, interferindo na

escrita, deixando impressas as vivências do criador” (Duarte, 2001/04:109). E na mesma linha, o parecer de Rui Soares (1987: 4): “a ficção de Martins Garcia situa-se entre uma dimensão da vida vivida e uma dimensão da vida recreada. O que prova, pelo menos, que o ofício de escrever é indissociável do ofício de viver” (Idem: 125)

Carlos Ventura (2001 / 04:190), ao lembrar o primeiro encontro com JMG, em Lisboa, aponta os possíveis riscos que se pode incorrer na procura de “*homologias, entre a produção de um autor e a personalidade do homem*” que escreve.

No caso de Martins Garcia diz ser possível encontrar muito da voz docente coincidindo com o cerne, por exemplo, de *Linguagem e Criação* (1973). E eu digo que muitos pensamentos do ensaísta estão revelados sob forma “quase teórica” em (*quase*) *teóricos e malditos* (1999).

O fato de JMG afirmar que os seus livros vão se fazendo, sem um plano estruturado, é conceito conhecido das pessoas que com o professor tiveram o privilégio de dialogar sobre o processo literário de criação. A mim, por diversas vezes, ele confessou construir suas obras passo a passo, sem esquemas a cumprir, a escrita fluindo ao sabor da memória.

Muitas vezes, ouvi-lhe dizer que o “texto *quis ser* assim e eu não pude contrariá-lo”, justificativa que deixou registrada em seu último livro no capítulo “Uma aposta em três postas” (1999:61) em que se refere à POLIFONIA (destaque do autor¹³), recurso amplamente utilizado no romance *Imitação da Morte* (1982).

“*Eu também fui revolucionário... ‘Eu também escrevi cartas de amor’...*” Assim começa JMG um dos parágrafos do capítulo “Sobre Crítica Literária”, da sua última publicação em vida, o (*quase*) *teóricos e malditos* (1999:27), a lembrar Allain Robbe Grillet (a destruir a ‘alma’ da burguesia) e Fernando Pessoa, (talvez mais para justificar a sua incapacidade revolucionária do que pelas cartas de amor de Fernando a Ofélia).¹⁴

Mas, pelo sim, pelo não, achei aí o argumento, o filão que me levaria a desenvolver estas páginas, cujo objetivo único é o de revelar o caráter digno, leal e compreensivelmente humano, de um açoriano torturado pela distância, pelo isolamento voluntário a que se dispunha e, segundo o seu sentir, pela falta de reconhecimento público à arte do seu trabalho literário¹⁵. Um homem que, durante a minha permanência em Portugal como sua orientanda, soube conservar-se ao leme do processo que me levaria ao doutorado. Ao cabo da árdua tarefa oficial, quando eu já retornava à minha pátria, tornamo-nos grandes amigos, a ponto de confiar-me alguns dos seus segredos, que, sabia ele, sei eu, iriam ser revelados com o tempo. Por isso, sinto-me à vontade, já que a mim pertencem, por doação do autor e autorização expressa da destinatária, dar a público algumas das cartas assinadas por JMG, no período que vai de novembro de 1992 a outubro de 1998.

Fernanda Leitão, no artigo “O meu Amigo da Criação Velha” (Açoriano Oriental, 7 / 12 / 02:16), poucos dias após o falecimento de JMG, ao exaltar-lhe a coragem política de outrora, refere-se ao depauperamento físico em que encontrou o amigo, dezoito meses antes do seu falecimento: a “palidez, os olhos inundados de amargura, a linha dos ombros a gritar desamparo. Como se tivessem passado sobre ele 30 anos de trabalhos forçados”. E indaga, deduzindo: “Que pratos de *polé* teria sofrido o artista, homem de superior inteligência e retidão de caráter, sabe Deus a que mediocridade teve de obedecer em

silêncio”. E a solidão, sabemos nós, rondou a sua alma, principalmente nos últimos anos de sua existência.

Assim é que lendo algumas das suas cartas particulares, fortalece-se a impressão e a (quase) certeza do seu imenso esforço em continuar em Ponta Delgada em razão dos abalos emocionais sofridos na década de noventa, da debilitação física que lhe foi corroendo a capacidade de escrita, do isolamento a que se permitia, da alma em sobressalto por razões muito pessoais.

A primeira carta é datada de 4 de novembro de 1992, e aqui a transcrevo com o sublinhado e as caixas altas do autor, suprimindo apenas o nome próprio da destinatária, em respeito à memória de JMG, que a todo custo manteve, por muito tempo, esse relacionamento em segredo.

Minha querida; meu Amor

[...]

– só no fim reparei que só te chamei de meu Amor)

As duas páginas lamurientas que te escrevi – e destruí – estavam datadas de 1 e 2 do corrente. Ontem, 3, após um dia de imensa angústia, ouvi a tua voz. “Deus te proteja!”, também to digo. Lembras-te do dia de agosto em que formulaste este mesmo voto?... Há quanto tempo, meu Amor!

O que torna tão difícil o ato de escrever-te resulta certamente da inquietação que me atormenta de maneira contínua.

Quería enviar-te umas palavras onde houvesse algo belo... e não consigo, não vou conseguir. E, contudo, eu recordo momentos belos cujo centro és tu. Mas agora, dada a tua ausência, tudo parece irreal, amargo, sonho desmentido por um despertar cruel, frio, solitário – talvez como o tempo e as pessoas que me rodeiam.

E é isto. Recaio no mesmo estilo. Para ser coerente, deveria destruir estas linhas. Mas, então, nunca te enviaria uma única carta. Tenho o espírito desmantelado, o coração... Ah, o coração! Que é que posso dizer dele?...

Há uma semana ainda aqui estavas. Gostaria de dar-te algum ânimo porque sei que vives momentos atribulados. E no entanto só sei queixar-me porque não te tenho junto de mim. Creio que ultrapassei o Amor e que estou apaixonado. Ou tonto de todo. Os apaixonados não serão egoístas, ao contrário dos amorosos? Eu, apaixonado, volto-me para o meu sofrimento. Quero dizer: volto-me principalmente para o sofrimento causado pela tua falta. E acho que pratico uma terrível injustiça, porque afinal o meu amor por ti te coloca acima (deveria colocar acima) dos problemas da minha vida íntima. Ou será que não consigo fugir ao paradoxo? Ou será que não digo, de perturbado, coisa com coisa?

O teu rosto, as tuas mãos... As águas, a luz, as ondas (sete?), a rosa... Mas quando foi tudo isso?... Sinto doer o coração. Sinto os olhos teimosamente húmidos. Em vez de reter a beleza das recordações... Lá estou a bater na mesma tecla!

Meu Amor! Afinal é o que gosto de excluir: meu Amor! Sei que, por mais ruas que percorra, não há agora um acaso que me faça cruzar contigo.

¹³ [...] “POLIFONIA (caixa alta quer dizer que não é o que julgam...)” (Garcia, 1999: 61).

¹⁴ Ver Mourão-Ferreira, 1978.

¹⁵Onésimo Almeida (2001/04: 35) confirma: (Martins Garcia queixava-se do silêncio a que o votavam, a ele e a seus livros).

Por favor, perdoa este tom. Gostaria tanto de imaginar o teu regresso. Tenho esperança, mas não tenho imaginação para tanto. É horrroso o quase nada das nossas duas vidas!

Quería falar-te de tanta coisa... Mas – agora reparo! -há uma espécie de “censura” a impedir-me as palavras que te queria dedicar. Ou então amo-te demais: um sentimento tão grande e profundo (e tão “acorrentado” ao longo de tanto tempo) não cabe na escrita. Não se conforma com a tua ausência. Tenho de dizer-te: AMO-TE, AMO-TE, AMO-TE... Tenho de dizer-te que não imagino o futuro longe de ti. Beijo-te as mãos, os olhos, os lábios, beijo-te. Quero-te. E tanto que o próprio querer (ou desejar) também se enovela em sofrimento.

Um abraço. Mil beijos. Imensa saudade.

Como assinar? José? → MA?

NÃO VOU DESTRUIR. VOU PÔR NO CORREIO PARA [...]

Escolhi entre as cartas que seguem uma sequência cronológica.

Esta é de 15 de agosto de 1993:

Domingo, 15 de agosto de 1993.

Minha Querida, meu Amor:

Na última sexta-feira era enorme a minha angústia. Por isso telefonei. Ontem o teu telefonema, se por um lado me trouxe a tua voz, não pôde dissipar a minha ansiedade. Vivo (?) em saudade angustiada. E os dias de julho e agosto em que me deste a tua presença contraem-se agora numa espécie de momento, um clarão breve.

Neste estado de espírito, pesa muito, sem dúvida, a inquietação resultante da tua presente situação. Mas há outra coisa aflitiva, a um nível mais egoísta: esta ilha sem ti, é dum imenso tédio. Ontem, sol, Hoje, nuvens. É igual. Os dias, contigo, voam. Sem ti, os dias voltaram a ser imensos. Regressei a esta “penitência” de lutar (?) contra o tempo. Lutar?... Não sei o que digo. Sinto o peso do tempo, físico, implacável. O relógio, o relógio... As pedras de Ponta Delgada. A cidade deserta. O horror destes fins de semana!... Seria tão bom abraçar-te, ou saber pelo menos que poderias surgir algures, por uns instantes... Nada! Vou deter esta triste prosa. Intervalo... O que esta palavra me lembra! Tenho de parar.

15h. 30 min do mesmo dia

Almoçar no “Sagres”, naquela mesinha, sem ter à minha frente os teus olhos, os teus lábios, o teu rosto, o teu ser... Quando nos reencontrarmos, estarei feito outra vez pele e osso, que a comida não passa na garganta. E começo a reinventar fugas... Por exemplo, tomar Lorenin para enganar o tempo até sabe Deus quando. Ou então: marcar passagem para fugir a isto, nem que seja por dois ou três dias. Será que mais alguém nota o pavor desta ilha condenada? Ou sou eu, “doente”, a não poder viver sem ti? Amo-te tanto, tanto, que me parece nunca ter amado outra...

22h do mesmo dia

Meu Amor:

Amo-te duma forma que, infelizmente, só posso classificar de desesperada. Pensava não tornar a inscrever no TEMPO expressões tão desanimadoras, mas o presságio invade-me e pode mais que a minha vontade. Vontade?... Em mim, uma contradição: débil, raivosa, mole e tensa. Queria resolver tudo num instante em que as minhas mãos te arrebataassem à distância geográfica que nos mata e do passado que nos sufoca. Peço-te que me ajudes, a esta hora, a lutar contra o Mal que nos persegue... Amo-te, amo-te, amo-te, amo-te, meu Amor, minha Vida, minha Ressurreição, meu Amor doce com fundo de TÍLIAS e muito MAR... Será que gosto desta sílaba de cativo?... Quem me dera poder pintar, desenhar, desleixar estes pobres vocábulos... Sofro! Imenso! Nunca imaginei sofrer assim por uma separação! Oxalá isto signifique alguma coisa boa no futuro! Amo-te, quero beijar-te as mãos, os pés, a alma! Quero-te! E não posso continuar...Mas continuo alguns minutos depois. Lembro-te com tanta intensidade que me faz doer. Há neste sentimento qualquer coisa que tenho de moderar. Há um sabor de fim em cada uma das nossas despedidas. Claro que é um fim. Claro também que a esperança não nos traiu. Mas, meu Amor, há sempre tanto tempo, tanta lonjura entre nós! Perdoa! Eu resistirei! Peço-te que resistas. Peço-te por tudo quanto creias que resistas! BEIJO-TE. Amanhã continuo.

Nessa mesma época José Martins Garcia escreveu numa folha A4, comum, branca:

No momento em que sinto que a vida passou / Sobre mim como onda que não pude beber / No momento em que o excesso abortou / Na minha pobre e podre poesia de nada obter / No momento em que me ferem feitas apenas dor / As estrelas do Sul e uma gaivota saída destes penedos / No momento em que até o Verbo me abandonou / Para me deixar nuvens de vertigens várias e segredos / De corpos mal cumpridos no contato do sonho

Mulher / Tu que foste minha amante e minha mãe / E minha filha nos beijos com que te cerquei / Tu que vieste sem culpa (que eu te não chamei) / E voltaste a ser virgem nos meus braços viajeros

Mulher / Escuta / Faz-me chegar ao coração vencido / O perdão que uma só vez na vida / Se concede (quando a alma é grande / Para o conceder) / Perdoame e escuta o sangue tão culpado e vil / Que em mim bate por ti / (Por mais ninguém)¹⁶

Difícil é escolher, dentre tantas afirmações e confirmações do depauperamento de JMG, os excertos mais significativos. A evolução progressiva para um fim próximo evidencia-se. A letra torna-se diferente, as ideias desconexas, o esforço da rememoração agiganta-se. E, aqui, a consciência de que também estou chegando ao fim (deste texto), igualmente me angustia.

Mas, vamos lá:

em Estoril, em 1993 – e um poema sem título, escrito nos Mosteiros, Açores, em 1994, cujo primeiro verso é “Era a terra de verde permanente”.

¹⁶ Publicado em 1ª *Antologia Poética*. Florianópolis, Associação dos Cronistas, Poetas e Contistas Catarinenses, 1966: 34, juntamente com mais três poemas inéditos em Portugal: “The Legend of Cutty Sark” (O fim silenciado) - escrito num café de Ponta Delgada; O poeta (diz-se) palpa o lado palpável do signo – escrito

Ano de 1994, 8 de julho:

Faz hoje precisamente dois anos que, em Lisboa, sozinho, fugindo a não sei quê fantasmas. Falei muito comigo mesmo, tentando tomar precauções para me defender duma grande angústia. Fui falando comigo mesmo, sempre só, ao longo do dia, ao longo da noite. Creio que regresssei no dia seguinte a Ponta Delgada. Parece-me que então compreendi que fugir da ilha não me tinha ajudado a resolver coisa nenhuma. O problema vijajava comigo, a angústia estava por dentro; não havia fuga de mim para nenhum lugar. Desculpa, meu Amor – beijo-te as mãos! –

[...]

Às vezes, tenho a impressão, de que o perpassar do tempo é uma coisa descontínua. O passado volta – mentalmente, só isso! - com uma intensidade angustiante. Saio da angústia como que impelido por alguma grande força. Recaio depois na angústia, noutra angústia, noutra angústia, com todos os sintomas da depressão. Uma enorme inércia. Uma vontade de ficar deitado, sem projetos, sem rumo, morto-vivo à espera do fim. Depois, revolto-me, reajo...e assim sucessivamente.

8 de setembro de 1994:

Depois da tua voz vem a consciência aguda de que me faltou o teu ombro, a tua mão, o teu calor, o teu cheiro. Sob o pouco de azul que este dia me oferta, outra ausência se sobrepõe à presente ausência e torno a ligar-te para Lisboa e mando-te música pelo telefone... Lembras-te?

[...]

É igualmente certo que os “últimos” dias sempre os sinto como catástrofe, Junto ao mar, à lagoa, num aeroporto, sobre a berma dum passeio.

Aeronave. Encontro muito antigo / Devolvido a minutos de altitude / Inigualável. E o primeiro rito / Comentário carnal e clandestino. / Areias e palmeiras e o teu corpo

Na alcatifa repleta de infinito / Desejo. Hora aérea no teu rosto. Conta-gotas suspenso. Nosso o ardor.

Súbito a brecha. Algures o luar / Reacendia a contagem do interdito / Tempo nosso. E em lugar da aeronave / Quatro paredes de noturno espaço.

[...]

Beijo-te mil vezes. Torno a dizer-te que foste o mais carinhoso dos seres que conheci na minha vida. Quero beijar-te os olhos. Sinto-me de novo tão triste. Apagado, obrigado a circular como um autómato. Gostaria de falar de fé e esperança. Talvez amanhã. Amo-te. Amo-te...

21 de abril de 1995:

Meu doce Amor: Apenas um murmúrio de saudade. Recebi a tua carta, abafou-a uma nuvem, passei mal dois ou três dias.

[...]

Além disso, que é quase uma doença, vivo (?) tenso, coma sensação de muitas feras de dentes à mostra, todas dispostas circularmente à minha volta. Meu

doce Amor, és tão de céu e mar e sol e beleza! Precisamente o que não me pode se consentido. Se te disser que me dilacero, não vais acreditar, nem sequer aprovar.

[...]

Não ousou implorar perdão, Nada faz sentido nas minhas palavras. Eu estou enredado por algo que não consigo decifrar. E continuaria um lamento com muitos “sês”. Não, não pode ser. Beijo-te as mãos, dou-te a minha alma.

Em 21 de julho de 1995:

[...]

Acredites ou não, o facto de hoje se oficializar o novo Reitor causa-me um enorme mal-estar, uma dor. É assim uma espécie de “fim de ciclo” Pergunto-me o que aconteceu, o que fui, o que fiz, o que foi aquela minha vice-reitoria (um ano e poucos meses), as circunstâncias que lhe marcam o fim.

[...]

Devem existir momentos em que, sem razão nenhuma, uma pessoa sente que está ‘embarcando’ numa grande infelicidade.

[...]

nunca mais escrevi uma obra... Obra?... Nunca mais escrevi um texto que valha a pena. Talvez se salve algum fragmento. Fragmentos... às vezes tenho a impressão de ser só fragmentos. Um resto. Um resto. Claro que o meu mundo onírico é de fragmentos. Repete-se a tua despedida, é sempre outubro. O cenário é que varia. As personagens também. É angústia, é culpa, é dor.

Bem mais tarde, em 20 de fevereiro de 1997:

O meu tempo de escrita pessoal está quase reduzido a zero. O que se passa na Univ. dos Açores obriga-me a um desgaste imenso.

[...]

Assim, tendo recebido a tua mensagem de Ano Novo (que me confrangeu – o remorso, o pesar, a desventura...) e, ontem, o faxe referente ao meu aniversário, respondo, só agora, com gratidão angustiada, com um afeto indefinível e com a perturbação inerente à mudança de habitação, a que sou obrigado

[...]

Perdi um ‘teto’, perdi os meus livros... Vou sobreviver, talvez...

[...]

E sinto-me cansado, desalentado com a memória a perseguir-me (na vigília e no sono). Não te esqueço; não vejo nenhuma luz que nos envolva.

[...]

Um beijo. Uma saudade... Um cerco de sombra permanente. Rezar?! – Oh Deus! Um beijo.

Quase dez meses depois, em 27 de novembro de 1997:

Acabo de receber a tua carta. Um solavanco na minha (parcial) apatia. Escrevo ‘apatia’, muito subjetivamente, quando afinal o diagnóstico da psiquiatra diz ‘depressão reativa’ – do mesmo tipo de moléstia de que fui vítima na Guiné-Bissau nos meus tempos de militar. Custa crer! Quase trinta anos depois!... Mas sinto agora uma enorme vontade de viver. Contigo. Falas de Fé; eu acrescento

ESPERANÇA. Às vezes, julgo que os meus últimos anos foram passados em pavoroso absurdo, um desgaste estúpido, um sonho mau.

[...]

Cumpri as determinações médicas escrupulosamente. Sinto-me mais forte, mas incapaz de escrever ficção. (Tinha entre mãos dois capítulos de um romance, que têm de aguardar...) Fui aconselhado a escrever, mesmo que tudo me desagradasse depois. Assim fiz: rabiscos sem importância. Mas – imagina! Há dois ou três dias planeei uma crônica humorística. Escrevi umas páginas apenas, meditei no que faltava (umas seis ou sete páginas) e senti-me muito cansado. Ainda não!

[...]

Sabes que, ao imaginar a normalização da minha vida, me parece renascer?... Aulas de novo (antes disso que a inércia psíquica), livros, tu... Será possível, meu Deus?

Quero-te junto a mim. Quero tornar a olhar, contigo, junto de mim, os ‘nossos’ lugares, o ‘nosso’ mundo. Quero que me olhes e sorrias sem ressentimentos... Não será exigir de mais?

[...]

Desculpa a minha letra. Deves achar diferenças. Resultado dos medicamentos? Resultado da profunda emoção que a tua carta me trouxe? Cansaço ainda?...

Peço-te que creias no meu amor. Com infinita saudade e um milhão de beijos, o teu [e assina].

Numa outra carta, assinada em outubro de 1988, JMG escreve um trecho a caneta com tinta azul, outro a lápis e, novamente a caneta:

Aceita, por favor, esta desorganização do que não posso exprimir corretamente.

[...]

(que horror, o que se passa aqui, neste 10 de outubro de 1998! A humidade é tanta que as mãos sujam o papel e a esferográfica não quer deslizar. Dizem que caminhamos para o FIM EM ESTUFA... Gostaria de ver-te antes do FIM...) Gostaria de restituir-te a imagem de há dez anos (vou tentar usar um lápis): a imagem da menina de caracóis louros

[...]

em Ponta Delgada. Sempre disse que não gostava desse penteado. Inconscientemente andei a mentir-te. É dessa imagem que guardo, sem o ter sabido, uma SAUDADE, saudade, saudade, Saudade, que me leva a não saber mais nada de palavras [fim do parágrafo com traços que parecem ter sido grafados com a mão a cair pesadamente sobre o papel].

Num trecho mais adiante:

“SEMPRE QUE MAIS PRÓXIMO ME SENTIA DE TI, TU PARTIAS... E SABES – agora, deves saber! – COMO É A DOR DA SOLIDÃO? Convive-se, dorme-se... por solidão, não é? É um deserto, sem ser bem deserto, esse horror chamado solidão!”

E conclui, páginas adiante:

“Santo Deus! Há muito anos que não escrevia (sem obrigação ‘académica’) tantas páginas... assim... assim. Mas desabituei-me. No fundo, já não sei quem ÉS. Seria melhor pensar se QUEM SOU ainda faz sentido”.

Na última página da mesma carta, refere-se a um telefonema recebido seis meses antes:

“Que horror de telefonema, de madrugada, eu em Lisboa... E que vontade de não CRER em mais nada! Quase uma vontade de autodestruição! E foi o que fiz! E foi o que viria a ser o meu caminho de amargura! Tanta Amargura, tanta!”

E termina:

“Agora não posso escrever mais. Há uma revolta contra não sei quê, contra mim certamente. Fiz da vida uma coisa sem conteúdo, sem sentido, sem perdão... Alguém me escutará?”

[...]

Queria exprimir tanta ternura, esperar por perdão; sentir... O quê? Que não estamos mortos? Que vais pensar DISTO? Não penses Mal!”

No final da carta um X, marcado com linhas trêmulas, como se realmente ali alguém que não o poeta-professor devesse assinar. Quem? O homem? O amante? O poeta-fingidor? Não, não tenho resposta.

E na data referida ao telefonema “maldito” (30 / 10 / 1996), em outro envelope para a mesma destinatária, duas páginas em papel-cartão amarelo, com timbre do Hotel Dom Carlos, de Lisboa.

Uma página:

Todo o vivido é irreversível. E mais intensamente irreversível quando mitificado. Tu és um ser recortado naquele tempo, que abrange vários tempos e lugares. Tu sabes a diferença que marcou os teus dois regressos. A ternura e a gratidão são indestrutíveis em mim. A vida problematiza o prolongamento. Que destino? Rezo sempre, cada vem com menor convicção. Um abraço. Um beijo.

Na outra página, depois da invocação, um poema:

Nem o mínimo deus a menor gota
De bálsamo ou da fórmula sancionada
Legitimam o espanto da memória
Acordada em acorde repentino
A meio da noite onde

A lisura dum lago determina
Um círculo de mar que falsamente
Quebra nas cristas de invernia
Remetidas ao bojo de outro tempo
A nódoa viva da espera

Que era de lodaçal impresso numa aresta
Bico de garça ou nome passageiro
Proa matriculada no sargaço
Farol exausto sem sol que mesmo assim
Nublado indicativo prometia

Talvez carta mais tarde talvez núpcia
Entre um olhar insaciado e crédulo
E o sonho de água límpida
Ido e retornado dedos
Modulando na ausência todos os possíveis

Talvez tenha sido esse o último poema do grande escritor açoriano.

Pelo que sei dessa história, o escritor e a destinatária se reencontraram em Lisboa,

Alguns anos depois. JMG disse que ainda a amava e que não passou dia desde a última despedida em que não houvesse pensado nela. Abraçaram-se. Ele chorou. Ela também. Ambos seguiram o seu destino.

Encontrei-me, pela última vez com o Prof. Doutor JMG, em Ponta Delgada, em março de 2002. Surpreso, ele me disse, com os olhos marejados de lágrimas, quase fechados, dando a impressão que assim me veria melhor, e em tom de queixa: “*não consigo mais escrever. Não escrevo mais*”.

Indagou por que vinha eu falar de paz num tempo de guerra. Deixou que eu percebesse uma aliança no seu anular esquerdo. Últimas palavras que dele ouvi: “*Escreve-me!*”

Não escrevi. Oito meses mais tarde, exatamente sete dias antes do meu retorno aos Açores, falecia o grande poeta e escritor açoriano, meu grande Mestre e Amigo. Dele, a luz da escrita permanece, fazendo da Literatura Açoriana um marco da universalidade embebida nos traços da açorianidade atlântica. Aqui ainda permanecem “hortênsias no colo das ilhas” a simbolizarem os seus poetas e a gente dos Açores.

Pudesse eu, dizer a JMG, o que já disse Armando Cortes Rodrigues, numa última homenagem prestada à (“Ode à) *Solidão: Homem! Sacode o pó do teu caminho / Serena a dor que tens nos olhos teus, / E humilde e confiante e pobrezinho, Regressa à Solidão, regressa a Deus.*¹⁷

Com certeza, JMG voltou. Está em Deus. Assim espero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Almeida, Onésimo (2001 / 04) “Coração Despedaçado a *Morrer Devagar*’ Da experiência americana de José Martins Garcia”. In *Arquipélago. Línguas e Literaturas* vol. XVII. Revista da Universidade dos Açores, 29-45.

ARQUIPÉLAGO (2001 / 04) Línguas e Literaturas vol. XVII. Revista da Universidade dos Açores.

Dores, Victor Rui (1987). “*Contos Infernais* ou a efabulação do poder”. In *Signo. Jornal de Letras e Artes*, 16, 4.

Duarte, Noélia (2001 / 04) “David Mourão-Ferreira e José Martins Garcia: o ‘ofício de escrever’”. In *Arquipélago. Línguas e Literaturas* vol. XVII. Revista da Universidade dos Açores, 109-131.

Mourão-Ferreira, David (1978) *Cartas de Amor de Fernando Pessoa*. Lisboa: Ática.

Pequeno Roteiro da História da Literatura Portuguesa (1984) Lisboa: Instituto Português do Livro.

Pires, A. Machado (2001 / 04) “José Martins Garcia um ‘intelectual em estado puro’”. In *Arquipélago. Línguas e Literaturas* vol. XVII. Revista da Universidade dos Açores: 171-177.



¹⁷ *Canção da Vida Vivida* (1991).



CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

Suplemento # 18 - junho 2017
 JOSÉ MARTINS GARCIA

Todas as edições em www.lusofonias.net

Editor **AICL - Colóquios da Lusofonia**

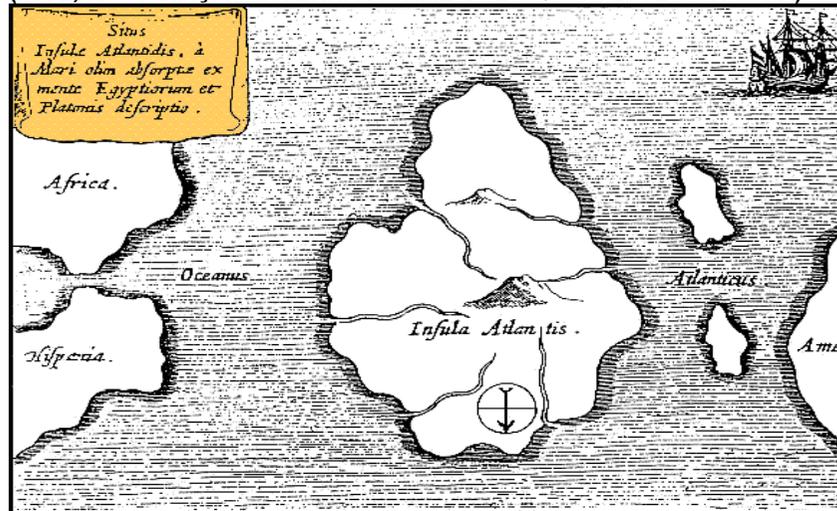
Coordenador **CHRYS CHRYSTELLO**

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia e é usado em todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



© TM®

Editado por **COLÓQUIOS DA LUSOFONIA**
 (AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA)



Nota introdutória do Editor dos Cadernos,

Os suplementos aos Cadernos Açorianos servem para transcrever textos em homenagem a autores publicados pelos Colóquios da Lusofonia, pelos seus participantes ou até Pelos próprios autores.

Hoje este Suplemento # 18 é dedicado a JOSÉ MARTINS GARCIA